

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
 Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
 Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 C.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

EM TODO O MUNDO

A organização dos trabalhadores

O aumento constante da população sindical

A Secretaria Internacional do Trabalho elaborou ultimamente estatísticas respeitantes ao desenvolvimento da organização operária, em todos os países. Os resultados, obtidos à custa de tremendas dificuldades, são singularmente animadores. Averigua-se que, apesar de todas as vicissitudes, apesar de todas as perseguições, a organização operária aumenta constantemente, aumenta pelo número de filiados de que dispõe, aumenta pela energia revolucionária que concentra em si.

Os números abaixo reproduzidos mostram bem que a organização sindical ficou incólume, mais do que isso, caminhou sempre, durante a hecatombe — a tremenda hecatombe que provocou pela organização burguesa só para essa organização burguesa trouxe prejuízos de-

cisivos. No quadro abaixo figuram os países que mais sofreram com a guerra, que mais atingidos foram pelo horrível flagelo. E é ver que nesses países tudo está desorganizado, desequilibrado, periclitante: a indústria, a finança, as instituições. Ao contrário, a organização proletária desenvolveu-se.

A união dos produtores já nada pode destruí-la. Em toda a parte a vemos fortalecer-se e agir, e impôr-se e triunfar, animada por alentos novos que irresistivelmente a levam ao futuro.

O quadro geral, abaixo publicado, permite-nos elaborar um resumo do acréscimo das forças sindicais, nos últimos anos. O movimento global da população associada nos vinte e um países citados, pode designar-se pelos seguintes números:

Anos	Operários associados
1910.....	10.835.000
1911.....	12.249.000
1912.....	13.341.000
1913.....	14.728.000
1914.....	13.222.000
1915.....	32.680.000

Apresentados estes dados, cumpre salientar ainda duas circunstâncias: a de que não abrange esta estatística os anos de 1920 e 21, durante os quais se observou um recrudescimento do sindicalismo em todos os países; e ainda a de não estarem nela incluídos alguns países onde os trabalhadores se encontram hoje mais fortemente organizados do que nunca. Levando em linha de

conta estes dois factos podem calcular-se as forças operárias, actualmente organizadas, em mais de cinquenta milhões de trabalhadores.

Não figura o nosso país no mapa que abaixo se apresenta. É que não pudemos ainda as nossas centrais sindicais organizar nacionalmente as estatísticas do movimento associativo. Por outro lado, o operariado português tem-se mantido sempre arredado dos seus camaradas de além fronteiras, e ainda hoje as organizações estrangeiras desconhecem, quasi inteiramente, a nossa situação sob o ponto de vista sindical.

Consigna o mapa abaixo a progressão ascendente seguida pela organização dos vários países.

Movimento da população sindical de 1910 a 1919

	1910	1911	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918	1919
Inglaterra.....	2.400.000	2.970.000	3.226.000	4.192.000	4.199.000	4.417.000	4.677.000	5.547.000	6.645.000	8.024.000
Alemanha.....	2.960.000	3.336.000	3.566.000	3.722.000	2.271.000	1.524.000	1.496.000	1.937.000	3.801.000	9.000.000
Estados Unidos.....	1.100.000	2.282.000	2.539.000	2.722.000	2.672.000	2.860.000	3.000.000	3.451.000	4.000.000	5.607.000
Francia.....	977.000	1.029.000	1.064.000	1.027.000	1.026.000	806.000	701.000	1.500.000	2.000.000	2.500.000
Italia.....	817.000	847.000	861.000	972.000	962.000	806.000	701.000	740.000	1.800.000	1.800.000
Bélgica.....	139.000	189.000	231.000	203.000	203.000	203.000	203.000	244.000	450.000	750.000
Países Baixos.....	154.000	169.000	189.000	220.000	227.000	251.000	304.000	369.000	450.000	625.000
Dinamarca.....	124.000	128.000	139.000	154.000	156.000	173.000	189.000	224.000	316.000	360.000
Suecia.....	115.000	111.000	120.000	136.000	141.000	151.000	189.000	244.000	302.000	399.000
Noruega.....	47.000	53.000	61.000	64.000	68.000	78.000	81.000	94.000	103.000	144.000
Finlândia.....	15.000	20.000	24.000	28.000	31.000	30.000	42.000	161.000	21.000	41.000
Suiza.....	75.000	78.000	86.000	89.000	59.000	65.000	89.000	90.000	177.000	224.000
Espanha.....	41.000	80.000	100.000	128.000	121.000	76.000	92.000	211.000	150.000	211.000
Austria.....	200.000	200.000	257.000	253.000	147.000	112.000	109.000	211.000	295.000	772.000
Hungria.....	86.000	95.000	112.000	107.000	107.000	43.000	55.000	215.000	500.000	500.000
Tchecoslováquia.....	100.000	100.000	107.000	107.000	55.000	40.000	24.000	43.000	161.000	657.000
Roménia.....	8.000	6.000	10.000	10.000	17.000	17.000	16.000	16.000	16.000	16.000
Canadá.....	120.000	133.000	160.000	176.000	166.000	143.000	160.000	205.000	249.000	378.000
Austrália.....	302.000	365.000	433.000	498.000	523.000	528.000	546.000	564.000	582.000	628.000
Nova Zelândia.....	57.000	56.000	61.000	71.000	74.000	68.000	71.000	100.000	100.000	100.000
Sérvia (Yugoslávia).....	7.000	8.000	5.000	9.000	14.000	12.000	12.000	12.000	15.000	20.000

C. G. T.

Conselho Confederal

Sob a presidência do delegado da U. S. O. de Faro, reuniu o Conselho Confederal. No expediente foi lido um relatório do delegado da U. S. O. de Faro, pedindo um delegado para, em missão de propaganda às linhas daquela rede, acompanhar os ferroviários libertados, sendo nomeado Manuel Afonso. Foram lidos mais dois relatórios da F. J. S., que baixaram ao Comité.

O secretário geral leu o seu relatório relativo à sua representação ao Congresso Metalúrgico, de Tomar, sendo resolvido que o mesmo seja dado para ordem de trabalhos da próxima reunião.

Em seguida procedeu-se à leitura do relatório e parecer sobre o inquérito aos actos dum delegado, tendo-se iniciado a sua discussão, mais em virtude do adiamento da hora, ficou a mesma para outra reunião, que se realiza no próximo dia 28 do corrente.

O Conselho Confederal apreciou ainda uma circular enviada pela Repartição do Trabalho Internacional, organismo que faz parte da Sociedade das Nações, tendo aprovado o seguinte ofício que o Comité Confederal enviou àquele organismo, em resposta:

«Sr. presidente: Acuso a recepção da circular da Repartição Internacional do Trabalho, e do questionário apenas, relativos ao inquérito sobre a produção. A Confederação Geral do Trabalho portuguesa não pode atender os desejos de V. Ex.ª pelas razões que exporei a seguir.

Antes de se efectuar a Conferência de Washington, realizou-se em Coimbra (Setembro de 1919) o Congresso do operariado português. Este Congresso ocupou-se da reforma da Confederação Internacional, e, em consequência, não pôde enviar delegados a essa Conferência. A Confederação portuguesa não pôde enviar delegados a essa Conferência, porque a Confederação portuguesa não pôde enviar delegados a essa Conferência, porque a Confederação portuguesa não pôde enviar delegados a essa Conferência.

Seja como for, a situação da população de Cabo Verde é gravíssima. Já nem sabemos há quantos meses se diz isto. Diz-se que há fome em Cabo Verde é usual, tornou-se um hábito. Parece que a fome é imprescindível na ilha provincial ultramarina. Depois de se gastar tanto tempo a falar no caso, ainda não tomaram providências dum forma decisiva e eficaz. Que esperam os governantes?

A fome em Cabo Verde

O número de famintos aumenta pavorosamente

O ministro das colónias enviou ao governador de Cabo Verde o seguinte telegrama:

«Pego-lhe esclareça pelo teleograma de veracidade e boa fé da resposta por telegrafia daí, de 13 do corrente, sobre o facto da população de S. Tiago se extinguir pela fome, sendo a média da mortalidade por dia na Praia de 30 pessoas e no interior mais de 50. Diz-se também que pelos caminhos e campos se encontram cadáveres inselutos expostos aos cães e aos corvos e que mães conduzem filhos mortos aos cemitérios. Que se precisam providências prontas, energias para a salvar o resto da população, porque até se mencionam casos de antropofagia. (a) S. Nogueira.»

O governador de Cabo Verde, respondeu:

«Agradeço o seu telegrama. O telegrama enviado daqui julgo-o no intuito de pedir recursos. Os casos de antropofagia são falsos. A média de mortalidade é exageradíssima. É igualmente falso encontrar-se cadáveres inselutos pelos campos e pelos caminhos, expostos aos cães e aos corvos. Quando algum faminto morre a caminho da Praia é imediatamente removido. Tenho providenciado o mais possível no sentido de diminuir a mortalidade, abrindo albergues para velhos e crianças, obtendo trabalho para os vadios, socorrendo milhares de pessoas que sem auxílio teriam succumbido. Tenho poucos recursos à minha disposição. Pego-lhe novos auxílios para evitar a hecatombe. A crise agrava-se de dia para dia, aumentando pavorosamente o número dos famintos. Enviarei relatório circunstanciado.»

Seja como for, a situação da população de Cabo Verde é gravíssima. Já nem sabemos há quantos meses se diz isto. Diz-se que há fome em Cabo Verde é usual, tornou-se um hábito. Parece que a fome é imprescindível na ilha provincial ultramarina. Depois de se gastar tanto tempo a falar no caso, ainda não tomaram providências dum forma decisiva e eficaz. Que esperam os governantes?

Pelas fábricas de pregaria

As condições criadas ultimamente ao pessoal operário nas quatro fábricas de pregaria, respeitantes à exploração que nelas se vem exercendo, não só no que respeita ao regime de salários, como também às horas suplementares e ainda pelas injustiças e represálias praticadas sobre o pessoal, suscitou a necessidade de um entendimento sobre o caso a seguir e assim se julga conveniente que todo o pessoal operário masculino e feminino, reúna em sessão magna no próximo domingo, às 14 horas, na sede do Sindicato Unico Metalúrgico.

Seções do Congresso de Coimbra, convivia as Unidades de Sindicatos e as Federações de Indústria a avisar os Sindicatos de que para serem correntes com aquela decisão, não devem nem ar delegados alguns.

Sessão e Solidariedade.
 Lisboa, 16 de Abril de 1921.

Manoel Joaquim de Sousa
 (Secretário geral)

O Sul e Sueste está firme

As manifestações através da linha

Os delegados do Sindicato do Sul e Sueste são recebidos com grande entusiasmo

A Associação dos Ferroviários do Sul e Sueste acaba de enviar à linha, em missão de propaganda, uma comissão delegada, com o encargo de assegurar a todos os ferroviários que a mesma Associação, tendo até hoje lutado esforçadamente pelo levantamento do nível moral, profissional e económico de todos os que exercem a sua actividade naquelas linhas, está disposta a prosseguir na mesma tarefa, sem quaisquer desfalecimentos.

Da referida comissão fazem parte alguns dos camaradas que há pouco saíram da cadeia por terem estado à frente da corporação. Esses homens, que os actuais ditadores dos caminhos de ferro pretendiam inutilizar, ejaculando sobre eles as mais ignóbeis calúnias, no intuito de concitar contra eles a antipatia da classe, tem sido recebidos com as mais vivas demonstrações de afecto através da linha, o que bastante deve contrariar os seus adversários.

Eis o que o enviado especial de A Batalha nos comunica, em telegrama, sobre a recepção feita aos nossos amigos, que seguiram ontem a caminho de Évora no comboio das 8:

ESCORRAL, 20.-T.-Os delegados ferroviários que seguem em missão de propaganda através da linha do Sul e Sueste, entre os quais figuram alguns dos camaradas que há pouco saíram das cadeiras da república, tem sido recebidos entusiasticamente em todos os centros ferroviários que têm atravessado.

Chegámos a Casa Branca às 12,25, tendo comparecido na estação, além de multíssimos ferroviários, grande quantidade de povo do Escoural, com estandartes.

As saudações feitas aos delegados da Associação do Pessoal do Sul e Sueste, sobretudo a Miguel Correa e a António José Piloto, foram delirantes, tendo as mulheres e crianças lançado flores sobre os nossos camaradas, que estavam comovidos.

Visitaram a Escola Almirante Reis, onde lhes foi pedido inscreverem os seus nomes no livro dos visitantes.

Os delegados ferroviários e os dos outros organismos que os acompanhavam almoçaram na sede da Delegação de Casa Branca, devendo realizar-se no mesmo local uma sessão às 17 horas, partilhada às 19 horas para S. Tiago do Escoural, onde às 21 se efectua uma sessão de propaganda.

Acombinam os delegados ferroviários, além dum representante de Confederação Geral do Trabalho, enviados dos Sindicatos Nacionalistas Pessoal dos Agentes do Exército e da Marinha, — (Enviado especial).

E OS PRESOS?

Outra injustiça!

Um operário preso há mais dum ano, acusado de vadio

Nesta terra cometem-se injustiças com a maior naturalidade. No respeitante aos presos por questões sociais, não tem elas conta. Ontem enumeramos algumas, e não eram poucas. Hoje vamos relatar outro caso que só numa república de operários como esta pode acontecer.

Quando em Março do ano passado se declarou a greve dos operários da construção civil a polícia, como é costume, tratou de prender operários a torto e a direito.

O operário Raúl da Purificação foi preso também a 19 de Março de 1920 e remetido para o Forte de Monsanto, entregue à polícia da segurança do Estado. Foi interrogado por duas vezes, nada se tendo apurado contra ele. Trinta dias após a sua prisão, o coronel Baptista, que estava então no poder, deu ordem de libertação para todos os indivíduos presos há mais de oito dias sem culpa formada. E assim se fez em relação a alguns. Porém, Raúl da Purificação ficou, ficou e nunca mais o soltaram.

Ao fim de 50 dias de prisão, dois agentes participaram ao preso que este estava entregue à polícia de investigação. E a 13 de Maio, num tribunal denominado dos vadios, Raúl da Purificação era julgado como tal. As testemunhas de defesa, mestres de obras e apontadores, foram unânimes em provar que o preso não era vadio e até as próprias testemunhas de acusação, como o agente Henrique Borba, por exemplo, declararam formalmente saber de fonte segura que Raúl da Purificação era um operário, que exercia a sua profissão, não se tratando, portanto, dum vadio. Testemunhas, atestados e várias outras provas de nada serviram.

O juiz, porque o réu, por motivo de doença, não trabalhava havia cerca de um mês, condenou-o.

E até à data ainda não foi posto em liberdade, apesar de já por duas vezes ter estado em perigo de vida, o que prova que o réu não menta quando afirmou encontrar-se bastante doente, como ainda se encontra.

Estariam as autoridades na disposição de conservar este homem preso por mais tempo? (Não será a injustiça já suficientemente grande?)

Conservar este homem preso é juntar mais um crime aos que ontem apontamos.

E, que diabol de crimes está a república cheia!

União dos Sindicatos Operários

Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho de delegados, afim de se ocupar de importantes assuntos. Entre outros casos, tratará, em especial, do movimento dos trabalhadores de jornais, esperando-se portanto a comparencia de todos os delegados.

A BATALHA vende-se em

Paris na rua Abbeville.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Uma facadinha

Referindo-se à questão das subsistências, não sabemos se a tanto por linha, pois se trata de jornal que não usa dar ponto sem nó. A Capital de ontem vibrava-nos de lá uma facadinha desatada, tam desastrosa, que nem logra arrancar-nos a epiderme. É num sueto de primeira página, quasi ao lado do artigo que a Carril lhe encomendou para defesa do projectado aumento de tarifas, A Capital protesta contra as resoluções tomadas por certa comissão do ministério da agricultura que propõe a extinção das tabelas no respeitante ao açúcar e ao azeite. E extranha que A Batalha não tenha protestado com ela, atribuindo o nosso silêncio ao desejo que teríamos de ver Lisboa entregue a agitação e perturbações — pois agitação e perturbações seriam, no dizer da Capital, as consequências das tais medidas da comissão do ministério da agricultura. A Capital temos a dizer primeiramente que desprezamos as suas insinuações e ainda lhe não demos o direito de interferir na orientação que este jornal mantém. Depois disto, umas breves explicações. Nada conhecemos dos trabalhos realizados pela tal comissão do ministério da agricultura. A respeito de subsistências, o que ultimamente nos caiu sob os olhos foram os decretos do dr. Luís Ricardo, apresentados no parlamento em 13 do corrente, e tendentes a dificultar a actividade dos comerciantes milicianos, que é como quem diz, dos intermediários entre produtor e revendedor. (Que pensamos nós a respeito da iniciativa do dr. Luís Ricardo? Pensamos que está muito bem, mas não dá nada. Quanto ao tabelamento ou destabelamento dos artigos de maior consumo, nada temos presentemente a acrescentar aquilo que tantas vezes aqui temos escrito. Com tabelas ou sem tabelas a miséria da população é a mesma. No primeiro regime, os géneros desaparecem do mercado e só os ávidos e a pês de ouro se podem obter. Vê isso o comissariado dos abastecimentos, como agora se designa a caranguefeia, e institui o segundo regime, isto é, a ausência de tabelas. Os géneros aparecem então, por preços malucos, e assim se conservam uns meses. Uns artigos de fundo contra a carestia da vida, uma mudança de ministério e aí temos de novo impostas as tabelas. Vão os géneros e desaparecem da circulação até que outra vez as tabelas sejam abolidas. E assim sucessivamente... Há coisa de cinco anos que esta giga-joga dura. Nem uma tentativa honesta e inteligente para melhorar a situação. O tabelamento nunca foi até à origem, aos grandes produtores. O procedimento legal nunca atingiu os grandes assabarradores. E esta miséria de que enfermamos nunca ninguém pensou em debelar, mandando trabalhar nos campos os que, num maior ou menor grau de analfabetismo, arrastam a preguiçeira nessas repartições e charreadas de resolver o problema das subsistências...

Preparando o terreno

Bem nos queria parecer. Brito Camacho, depois de passar o seu tempo a fazer blagues políticas, resolveu finalmente iniciar a era dos grandes factos. Quiz provar que é homem de acção. A ocasião que escolheu para começar a acção não podia ser melhor. Toda a gente diz que o futuro de Portugal está nas colónias e Camacho entendeu também que estava ali o seu futuro. As colónias ofereciam vasto campo para acção. Há terras incultas, há planícies imensas, há desertos inexplorados por aquelas regiões africanas. Daí a resolução de Camacho ir acção para o deserto. Mal pôs pé em terra negra, pensou imediatamente em assombrar a metrópole com um feio célebre. Que havia Camacho de fazer? Requisitar máquinas agrícolas, enxadas, sementes? Não, nada de tais banalidades. Brito Camacho requisitou: 50 metralhadoras para preparar o terreno...

Distinguo!

Reacção, que assim se intitulou um semanário mal impresso em Agueda, anunciava no seu último número a reaparição da Monarquia Nova. Reacção é um jornal integralista; a Monarquia Nova também. O escandaloso é porém que o primeiro destes jornais apresente o segundo como «órgão da organização operária nacional». Mesmo como trafulhe achamos demasiado. Ao que nos consta, não havendo por enquanto e felizmente em Portugal sindicatos católicos, amarelos ou integralistas, temos cá uma única organização nacional do operariado: é aquela que a C. G. T. representa. E essa não cremos que haja dado procuração à Monarquia Nova.

Pode dizer-se que toda a nova seiva deste movimento renovador da arte, em Portugal, se consubstanciou em Albert Jourdain. É ele o mais original, o que possui uma personalidade mais accentuada. A sua obra satisfaz plenamente? Digamos a verdade: não. Mas é no seu pincel que mais confiamos, porque esse pincel, que espalha por vezes manchas luminosas nas suas telas exóticas, é ao mesmo tempo uma arma, que vai derrubando convenções por convenções, fórmula por fórmula.

Desde o ano passado, quando vimos o seu quadro de maior responsabilidade talvez, Sobre a roupa suja da cidade, exposto na Rua Barata Salgueiro, até a publicas ad petendam pluvium. Isto devido à seca que lavra por esse país de Deus... Estamos, porém, convencidos que antes do amor pelas telas está o de todos os mirrados que desejam em bruto o povo com os seus milagres, ad petendam pluvium. A falta doutra coisa, estão realmente a pedir chuva, ad petendam pluvium. Amen...

Ad petendam pluvium

Temos notado o movimento religioso dos últimos tempos. A Igreja açrecom ca o assalto à consciência popular. Para conseguir os seus intentos reacçãoários, vai, pouco a pouco, envolvendo a república nos seus tentáculos, num férreo abraço. E os republicanos gozam impudicamente esse abraço voluptuoso e imoral. Várias vezes, ante tam estranhas manobras, temos pensado que tanto o patriarcalismo como os sacerdotes e governos da república estão... ad petendam pluvium.

Segundo noticiam os jornais, os católicos adivinharam, ao que parece, o nosso pensamento, porquanto nos dias 24, 25 e 26, devem realizar-se preces

A arte e os artistas

O progresso do modernismo

Uma exposição na Bobone

Até há bem pouco tempo não se exigia do pintor senão a copia fiel da natureza. Imitar uma sombra, aproveitar uma restea de sol, copiar o feitiço do nariz ou duma boca, tudo, isto obtido por uma forma qualquer de pincelar, que se convencionara designar por técnica, onde residia em grande parte o que se chamava a personalidade — era todo o trabalho fundamental do artista. Este critério está passando da moda. Tudo passa... A humanidade, a medida que vai envelhecendo, cria novos caprichos, outras exigências. O homem é, talvez o único animal, que se aborrece, daí a sede constante de inovação. O que constitui as delícias dos nossos avós, produz-nos agora aborrecimento. A culpa não é dos homens, é da própria evolução das cousas.

Hoje, a copia fiel da natureza já não entusiasma. Já se atingiu nessa copia uma relativa perfeição. Actualmente a curiosidade do público converge sobre o temperamento do artista. Deseja-se conhecer a alma do pintor através da sua obra. Não queremos ver reproduzida na tela a marinha com todos os seus barquinhos, scintillar de águas e nuvens de algodão; anseamos por conhecer qual a impressão que o artista recebeu dessa marinha. O assunto é sempre o mesmo, glossado já em todas as suas variantes. Os temperamentos são os mais diversos, os visões são diferentes. Foi desta exigência dos tempos modernos que nasceu o impressionismo e um dos seus derivados: o modernismo. Os primeiros impressionistas começaram a fazer imprecisões sem o saber. Essa vontade forte de gravar numa tela, a pinceladas largas, uma impressão, por vezes fugitiva, não foi uma invenção, um capricho do artista, como muita gente julga. Essa arte original e ainda imperfeita — e toda a arte original é imperfeita — nasceu naturalmente. O modernismo não é uma bizarria de pincel, um devaneio do artista. Se abstraímos os snobs (os que seguem determinada escola por capricho, por moda) os modernistas são os mais inteligentes, os mais verdadeiros e mais independentes. O cuidado do modernista é desembaraçar a sua personalidade, o seu eu, tanto quanto possível, das influências dos mestres, das escolas. Os artistas que saem das academias trazem a alma envolta em mil preconceitos, em mil fórmulas já feitas. Os seus trabalhos são um produto dessas preconceitos, dessas fórmulas; as suas obras são uma convenção.

O modernista pretende libertar a sua sensibilidade de todos esses preconceitos; deseja desnudar a sua alma das convenções que os mestres, o ambiente, a escola lhe vestiram. O movimento modernista é no fundo uma revolução artística em prol da liberdade espiritual. São os temperamentos que se desejam apresentar ao público como realmente são. Ao contrário das outras escolas artísticas, o modernismo, em vez de pretender amoldar a alma humana a fórmulas novas, destroi simplesmente todas as fórmulas. Daí a diversidade, a profunda diferença que as obras dos modernistas apresentam entre si. A diversidade é o supremo encanto das exposições deste género.

Em Portugal, o modernismo está no seu início. Não pode, portanto, atingir a perfeição desses mestres, que começaram a aborrecer-nos.

Um quadro de Carlos Reis é incontestavelmente melhor do que um trabalho de Albert Jourdain. Carlos Reis atingiu o máximo dentro da escola já velha. Reis abandonou atrás de si maravilhas, é um sol que, depois de ter iluminado o mundo, deixa a esse mesmo mundo a luminosa recordação dos seus raios acariados. Albert Jourdain é uma nova aurora, no nosso meio artístico; é luz ténue, violeta da manhã, que pro nete, entre sorrisos de ouro, desvendam-nos novos mistérios, mostramos novas verdades. Isto, admitindo que Carlos Reis simboliza uma escola que decal e Albert Jourdain uma escola que começa.

As nossas esperanças não podem ir portanto para a escola que Reis representa, porque já sabemos que ela não nos reserva mais surpresas; vão sin para o modernismo balbuciente. E, como os pais carinhosos que olham os cabelos loiros do filho, fantasiando-o já homem forte, viril, assim olhamos as telas ora expostas, na Bobone, visionando — ao notar certas deficiências, determinados pontos confusos, como frases proferidas por rosadas bocas de bebés — a arte livre, formidável, original e emocionante.

Pode dizer-se que toda a nova seiva deste movimento renovador da arte, em Portugal, se consubstanciou em Albert Jourdain. É ele o mais original, o que possui uma personalidade mais accentuada. A sua obra satisfaz plenamente? Digamos a verdade: não. Mas é no seu pincel que mais confiamos, porque esse pincel, que espalha por vezes manchas luminosas nas suas telas exóticas, é ao mesmo tempo uma arma, que vai derrubando convenções por convenções, fórmula por fórmula.

Desde o ano passado, quando vimos o seu quadro de maior responsabilidade talvez, Sobre a roupa suja da cidade, exposto na Rua Barata Salgueiro, até a publicas ad petendam pluvium. Isto devido à seca que lavra por esse país de Deus... Estamos, porém, convencidos que antes do amor pelas telas está o de todos os mirrados que desejam em bruto o povo com os seus milagres, ad petendam pluvium. A falta doutra coisa, estão realmente a pedir chuva, ad petendam pluvium. Amen...

